

O ENSINO DE JESUS SOBRE O JEJUM

Os Evangelhos mostram que Jesus retirou-se muitas vezes para orar. Ao contrário de sua intensa vida de oração, os Evangelhos só relatam de Jesus jejuando uma única vez (Mateus 4:21, Marcos 1:12-13, Lucas 4:1-13). O apóstolo Paulo recomendou: “Orai sem cessar” (I Tessalonicenses 5:17) mas nunca ordenou o jejum. Qual seria, para Jesus, o significado do jejum e sua motivação? Deus ordenou ao povo de Israel que praticasse o jejum uma vez por ano, no dia em que se realizavam sacrifícios expiatórios pelos pecados de todo o povo (Levítico 23:27-29). A palavra que é traduzida do original hebraico do Velho Testamento como “jejum” tem o sentido literal de “aflição da alma”. O jejum era símbolo de quebrantamento interior, ou seja, de profunda tristeza pelos pecados cometidos e de verdadeiro arrependimento diante de Deus. Ele também avisou ao povo de Judá que deixar de comer e demonstrar tristeza exteriormente, sem evidenciar verdadeiro arrependimento por meio da obediência a Deus, de nada adiantaria (Isaias capítulo 58). Apesar desta advertência, os judeus, e especialmente os da seita dos fariseus, aderiram ao jejum periódico e rotineiro como parte de sua religiosidade. Atribuíam ao ato de privar-se dos alimentos a capacidade de conferir-lhes merecimentos diante de Deus (Lucas 18:11-12).

Jesus não concordou com aquele tipo de jejum ritual praticado pelos fariseus. Seus discípulos foram censurados porque não jejuavam, ao contrário dos discípulos de João Batista e os dos fariseus. Ele respondeu que não havia motivo para isso, pois eles tinham a Jesus, e que além disso, o jejum ritual era prática do judaísmo, e incompatível com os ensinamentos de Cristo e seu Reino (Mateus 9:14-17). Quando Jesus, em seu Sermão da Montanha, dá instruções sobre o jejum, ele não está ordenando sua prática, mas justamente instruindo aos judeus que o praticavam como ritual exterior que não deveria ser assim. Ao contrário disso, deveriam ter uma atitude diferente em seu interior (Mateus 6:16-18).

Porque, então, Jesus jejuou durante quarenta dias por ocasião de sua tentação? Os Evangelhos de Mateus e Lucas relatam que ele teve fome ao final dos quarenta dias de jejum (Mateus 4:1, Lucas 4:2). O jejum de Jesus foi espontâneo, pois ele simplesmente não sentiu fome, ou esqueceu-se dela. Ou ocorreu uma causa sobrenatural, ou então Jesus orava com tamanha intensidade, preparando-se para a iminente e grande tentação, que esqueceu-se da fome e de sua necessidade de alimentar-se. Seu jejum não foi proposital, mas resultado de sua dedicação em orar para manter-se fiel ao Pai. Ao evangelizar a mulher samaritana, Jesus também privou-se espontaneamente de sua refeição, pois sua prioridade era obedecer ao Pai e realizar seus propósitos (João 4:31-34).

Percebemos então que o jejum ao qual Jesus se refere como necessário para a expulsão de demônios (Marcos 9:29, Mateus 17:21) é bem mais do que uma simples prática religiosa de privar-se de alimento. Ele está ensinando que é necessário orar constantemente, como ele o fazia, e não somente no momento de expulsar demônios. A comunhão com Deus, por meio da oração, nos fortalece e nos capacita para sermos instrumentos de Deus. Em determinadas ocasiões, há uma necessidade imperativa de dedicar-se com mais intensidade à oração e ao serviço do Reino de Deus, de tal maneira que até deixamos de lado, momentaneamente, a satisfação de nossas necessidades pessoais. O jejum que Jesus recomendou expressa, portanto, desejo ardente de submissão e de comunhão com Deus, e de ser por ele capacitado para sua obra. Portanto, este ensinamento de Jesus sobre oração e jejum apresenta uma recomendação para orar sempre, e quando necessário, orar com maior dedicação ainda. Isto aconteceu na Igreja de Antioquia, quando seus líderes serviam ao Senhor, e oravam e jejuavam quando receberam a ordem de separar Barnabé e Saulo para a obra missionária (Atos 13:1 – 14:28). Neste episódio constatamos novamente que jejum bíblico não é uma finalidade em si mesma, mas é uma consequência da dedicação ao serviço de Deus e à oração fervorosa. O próprio verso 3 deste capítulo de Atos demonstra isto claramente.

Voltando ao sentido original do jejum, que é “aflição da alma”, ou seja, arrependimento dos pecados cometidos e quebrantamento, podemos entender a recomendação de Jesus também como uma ênfase na necessidade de constantemente nos quebrantarmos com arrependimento sincero diante de Deus.

Pr. Dalton de Souza Lima